

Três homens sedutores.
Um romance por mês.
E um bar onde tudo acontece.

Ω
HOMEM
DO MÊS

Julho • Agosto • Setembro

J. KENNER

TOP
SEL
LER

A nova série da vencedora do prémio RITA
MELHOR ROMANCE ERÓTICO

julho

agosto

setembro

CAPÍTULO 1

Há um ano, em julho

— Honestamente, Amanda, estou a 2400 quilómetros de distância — disse Jenna Montgomery, com uma voz tão clara como se estivesse sentada junto a ela no banco do bar The Fix on Sixth. — Como posso avaliar a situação em Austin a partir de Los Angeles se não me dás nada para eu me basear?

Amanda Franklin mordeu o lábio inferior, fazendo um esforço para não soltar uma risadinha para o smartphone. *Avaliar a situação?* Pela maneira como Jenna falava, pensar-se-ia que estavam metidas em espionagem.

Mas talvez estivessem, de facto. Ela tinha visto filmes suficientes para saber que a espionagem era um jogo centrado em volta de uma dança perigosa onde qualquer má interpretação dos sinais poderia resultar em morte.

Para ela, parecia a descrição de um romance.

— Ele é giro? — perguntou Jenna.

— Estaria a ligar-te se não fosse?

— Bem visto. O que é que ele está a fazer agora?

— A Tiffany está a atendê-lo. Ele acabou de fazer o pedido. Acho que... oh! Ele usa óculos de leitura.

— Isso é mau? — perguntou Jenna.

Amanda soltou um gemido baixo.

— Não, sobretudo no caso deste tipo. — Ele tinha a ementa na mão quando chamara a atenção dela pela primeira vez e ela concluíra que ele usava óculos. Mas após ter pousado a ementa, ele tirou os óculos e guardou-os numa caixa.

Simultaneamente, movera-se na cadeira. Os seus olhares tinham-se cruzado pela segunda vez nessa noite e ela tinha ficado sem fôlego ao ver um

par de olhos acinzentados que transmitiam um calor que contrastava com aquela cor de pedra fria.

— Já é a segunda vez — disse Amanda, pegando na *jalapeño margarita* e pousando-a logo a seguir ao aperceber-se de que tinha acabado a bebida. — Este tipo. Ele é...

— O quê? — insistiu Jenna quando Amanda se calou, incapaz de encontrar a palavra certa.

— Intenso, acho eu. Quer dizer, aqueles olhos são do tipo que desperta imediatamente o teu interesse.

— E não achas que podes ter imaginado isso? Ele estar a galar-te, quero dizer. Disseste que ele estava acompanhado. Ele não está num encontro e a galar-te, pois não? Porque isso significa que é um idiota e não é o tipo de homem que se queira namorar.

— Não me parece. Está acompanhado de um homem negro lindíssimo que está a beber um uísque. Mas não me parece que nenhum dos dois seja gay. Pelo contrário, parece-me que gostam de dançar.

— O Sr. Óculos?

— Parece-me que gostam os dois, mas o Sr. Óculos é o único que reparou que eu existo no planeta. O Sr. Uísque não olhou para mim uma única vez. O Sr. Óculos já olhou para mim algumas vezes. É um pouco... — ela calou-se e encolheu os ombros, apesar de Jenna não conseguir vê-la.

— O quê?

— Sensual — admitiu Amanda. Não conseguia explicar. Mas havia realmente algo na forma como ele olhava para ela que a fazia estremecer em todos os locais certos. E ela tinha de presumir que era por causa dele. Porque ele não era o primeiro tipo que lhe lançava um olhar de desejo num bar.

— Devias arriscar — anunciou Jenna. — Quer dizer, esquece. *Caramba*. Quem me dera estar aí. Ser melhor amiga à distância é uma porcaria.

— Pois é — concordou Amanda. — Mas o que é que ias dizer?

— Não me lembro.

Amanda torceu o nariz.

— Cheira-me a treta. — Afastou o banco da mesa de forma a ficar voltada para o bar e depois fez sinal a Reece para lhe trazer outra bebida. Reece era um

dos gerentes do bar e estava a servir as bebidas naquela noite. — Diz-me — disse Amanda para o telemóvel, voltando de novo a atenção para o Sr. Óculos.

— Não sei — disse Jenna. — Os relacionamentos de consolação podem ser catárticos, mas tens andado a...

— Portar-me como uma galdéria?

— Não disse isso! — protestou Jenna ao mesmo tempo que Reece pousava uma margarita fresca à frente de Amanda.

— Quem é que se tem portado como uma galdéria? — perguntou ele.

— A Jenna — gracejou Amanda, ficando surpreendida com a forma rápida e intensa como a expressão dele se toldou.

— Mas que raio...? — respingou Jenna. — Com quem estás a falar?

— Com o teu melhor amigo a quem tu dás mais importância do que a mim. Em breve tenho de ir embora, por isso vou deixar-vos pôr a conversa em dia enquanto acabo a minha bebida. — Despediu-se de Jenna e entregou o telemóvel a Reece.

Reece sorriu quando Jenna disse alguma coisa e Amanda fez-lhe um gesto silencioso para lhe trazer a conta. Dado que Reece e Jenna poderiam facilmente estar na conversa durante uma eternidade, ela achou que era melhor adiantar-se e pedi-la já. Pensativa, bebeu um gole de margarita e voltou a observar o Sr. Óculos.

Relacionamento de consolação.

Portar-se como uma galdéria.

As palavras rodopiaram na sua cabeça como os fantasmas dos desenhos animados com caudas longas e finas.

Não disse isso, tinha dito Jenna. Mas talvez devesse ter dito. Talvez fosse verdade.

Amanda suspirou e bebeu mais um gole, desfrutando do sabor picante da bebida, muito mais agradável na língua dela do que o sabor amargo dos seus erros.

A verdade é que Leo a tinha destruído. E, sim, já tinham decorrido mais de nove meses desde a última vez que ela tinha dirigido a palavra ao crápula, mas isso não diminuía a dor da traição dele. Os amigos dela apenas sabiam que eles tinham acabado mal. Mesmo Jenna não sabia que Amanda e Leo tinham planeado fugir juntos para se casarem em segredo.

Mas depois ele tinha largado a bomba e, subitamente, ela estava a olhar para um homem que nem conhecia. Um homem que dizia coisas como «erro», «deixar-se levar» e «delírio romântico».

No final de contas, tudo o que tinham partilhado não passava de uma grande ilusão, na opinião dele. Não era amor verdadeiro. Ele nunca a tinha amado.

Bum. O microfone cai. Som de violinos.

Para piorar ainda mais a situação, ela tinha perdido bastante terreno na sua carreira de agente imobiliária porque o seu anterior patrão temera que ela ficasse domesticada e perdesse a garra. Ao invés de se oferecer para patrocinar a sua candidatura a mediadora imobiliária e de lhe passar a sua carteira de clientes e responsáveis quando se reformou, entregou-a a um agente solteiro e ambicioso. Claro que ele não tinha admitido tudo isto em voz alta, mas Amanda não era idiota.

Quer dizer, talvez fosse. Tinha-se apaixonado por Leo, não tinha?

Era por esse motivo que agora olhava, mas não tocava.

Está bem, não é verdade. Ela tocava *e bem*. Mas raramente comprava a mercadoria.

Enquanto agente imobiliária especializada em propriedades de luxo, ter uma boa rede de contactos fazia parte da profissão e, como tal, Amanda saía muito. Encontros, reuniões de negócios, cocktails descontraídos. O que lhe quiséssemos chamar. Com os homens, esse tipo de reuniões costumava resultar numa boa comissão e ela não se importava com isso. Era bom para o negócio dela e para o seu ego.

Quanto a ter de se despir... bem, a maioria dos seus amigos achava que ela era promíscua apenas porque tinha um sentido de humor seriamente ousado. Ela não se dava ao trabalho de os corrigir. Para quê? Nem Jenna sabia até que ponto a vida sexual de Amanda era *inexistente*.

A verdade é que Amanda apenas deixava entrar um homem na sua cama quando tinha a certeza absoluta de que não havia hipótese de a noite se tornar em algo mais ou de esse algo mais se tornar uma relação.

Ainda estava muito anestesiada de sarar as feridas deixadas pela sua última relação. Nem pensar em ir à faca tão rapidamente.

Para além disso, porque sacrificaria a sua melhor ferramenta de trabalho — o seu estatuto de mulher solteira — num ponto tão precoce da sua carreira? Bem, Leo tinha-lhe feito um favor. Ela andara nas lonas antes de terminarem. Agora tinha uma conta bancária recheada.

Sim, a sua vida tinha voltado a entrar nos eixos. Estava tudo bem. Não era preciso mudar nada.

O que significava que ela se devia afastar do Sr. Óculos. Porque ela já tinha percebido que havia algo de estimulante nele. Algo do qual seria difícil afastar-se. E, naquele momento, Amanda simplesmente não se encontrava num momento da vida em que quisesse prender-se a alguém.

No entanto, olhar era perfeitamente aceitável e, enquanto bebia os últimos goles da *jalapeño margarita*, observou o Sr. Óculos e o Sr. Uísque levantarem-se, darem um aperto de mãos e encaminharem-se para a porta. *Amigos*, decidiu ela. Ligados por uma relação de negócios que se tornou uma amizade genuína. Porém, era muito provável que não jogassem golfe juntos...

Franziu o sobrolho, pensativa. *Ciclismo*, decidiu ela, avaliando os seus corpos esguios e musculados. Juntavam-se para praticar ciclismo. Ela apostaria a sua reputação nisso.

A sua capacidade de ler as pessoas era a sua arma secreta no mundo imobiliário e raramente se enganava. Leo, claro está, tinha sido a grande exceção à regra. Conhecera-o quando lhe vendera uma casa em West Lake. E tinha-se enganado bastante na leitura.

Rodou novamente o banco, voltando-se para o bar com a pretensão de pegar no telemóvel e pagar a conta, contudo, embora o telemóvel estivesse lá, a conta não estava.

Olhou novamente para Reece e fez sinal para pedir a conta.

— Já está paga — disse ele de longe, a meio do comprido bar, e ela pensou que tinha percebido mal.

— Desculpa, podes repetir?

Ele aproximou-se dela e depois acenou com a cabeça na direção do lado oposto da sala, para o local onde Tiffany estava a recolher a gorjeta da agora abandonada mesa do Sr. Óculos.

Amanda quase soltou uma gargalhada. Pelo menos agora sabia que o interesse dele não era pura imaginação. Mesmo assim, tinha perdido uma oportunidade.

Como já passava das 18 horas, ela ponderou deixar-se ficar no bar e pedir os deliciosos aperitivos de Tyree para o jantar, mas estava a sentir-se estranhamente agitada. Queria mexer-se. Andar. Colocou o telemóvel dentro da mala, despediu-se de Reece e encaminhou-se para a porta.

Assim que virou para oeste no passeio, viu-o. O *Sr. Óculos*. Estava ligeiramente afastado do *The Fix* de forma a garantir que ninguém no interior do bar o conseguia ver. Embora segurasse o telemóvel na mão, como se tivesse acabado de ver as mensagens, agora toda a sua atenção estava centrada nela.

— Mais 15 minutos e eu tinha voltado a entrar. — Falava com um sotaque do Texas tão arrastado e rico que parecia quase uma carícia. Ou, pelo menos, assim pareceu a Amanda.

Com esforço, ela manteve a calma.

— Estavas à minha espera?

— Acho que depende se considerarias a resposta assustadora ou querida — disse ele, e ela desatou a rir.

— Vamos escolher a terceira opção — disse ela. — Interessante.

— Consigo viver com isso. — Ele deu um passo na direção dela e o tecido das calças de ganga dele roçaram as suas pernas enquanto ele se movia. Tinha um botão desabotoado e ela conseguia ver o contorno de uma t-shirt simples por baixo. Um estilo casual empresarial, típico do Texas. Tinha o cabelo bem aparado e um maxilar definido onde se destacava uma barba a despontar.

O homem era bem-parecido, disso não havia dúvida. Mas foram os olhos dele que realmente chamaram a atenção de Amanda. Um cinzento pálido que parecia quase prateado sob a luz e que estavam agora focados nela com uma intensidade que era quase uma carícia física.

— Porquê?

Ele arqueou as sobrancelhas.

— Porque consigo viver com isso?

Ela sorriu.

— Porque estavas à minha espera?

Ele franziu o canto da boca e ela viu a resposta nos olhos dele. Um brilho de calor. Uma chama de desejo. Havia um mundo de sedução naquele olhar e ela sentiu o poder dele a trespassá-la, quente e tentador.

— Posso pagar-te uma bebida?

Ela não tinha a certeza do que esperava que ele dissesse, mas, tendo em conta a tensão que crepitava entre eles, não esperava aquilo.

Divertida, ela olhou por cima do ombro para a janela do The Fix.

— Acho que acabaste de o fazer.

— Bem visto. Não tens de quê.

Com uma gargalhada, ela acenou com a cabeça.

— E, sim, obrigada.

— Não tens de quê e posso oferecer-te outras opções. Uísque, por exemplo. Ou Amy's Ice Cream.

— Tentador — admitiu ela, rindo da justaposição.

Os olhos dele fitaram os dela.

— Ou podíamos simplesmente falar. Diz-me do que é que gostas. Que te parece?

Soltou um suspiro, excitada pelas palavras inocentes e pelo tom não tão inocente que ele utilizou para as dizer. Fez deslizar as mãos pela saia para secar as palmas.

— Porquê?

Os lábios dele estremeçeram.

— Se não sabes, a resposta é provavelmente não. Azar o meu.

Ela ponderou mentir. Afinal de contas, ela já tinha conseguido perceber que este tipo era demasiado apelativo. Seria demasiado fácil gostar da companhia dele. Ficar presa numa situação inconveniente e complicada que ela não queria nem precisava naquele momento.

Mas então ele sorriu e ela deu por si a retribuir o sorriso.

— Sim — disse ela. — Uma bebida parece uma ideia excelente.

Ele acenou com a cabeça em direção à porta.

— Tu primeiro.

Por muito que ela gostasse das bebidas do The Fix, o bar estava lotado e ela sentia-se apertada. Quando ela e o Sr. Óculos se separassem, Reece já

teria certamente ligado a Jenna e Amanda teria recebido meia dúzia de mensagens escritas ou de correio de voz.

— Tens outra sugestão?

— Tenho — disse ele. — E se fôssemos para o Winston Hotel?

— Perfeito. — A localização em Austin da cadeia internacional de hotéis de luxo sediada no Texas ficava a uma curta distância a pé do The Fix e o hotel tinha um bar elegante. — Chamo-me Amanda, já agora. — Ela estendeu-lhe a mão.

Ele aceitou-a e uma onda de puro desejo apoderou-se dela. *Sim. Havia definitivamente química.*

— Derek — disse, e pelo tom de voz dele, ela não conseguia perceber se ele tinha sido igualmente afetado pela ligação deles. Mas ele segurou a mão dela durante mais tempo do que a etiqueta exigia e, quando finalmente a largou, Amanda teve de conter uma onda de desapontamento tangível.

— Vives aqui? — perguntou ela enquanto desciam Brazos em direção ao rio.

Ele abanou a cabeça.

— Não, mas adoro Austin. Venho muitas vezes aqui em negócios. É por esse motivo que cá estou agora, na verdade. — Deteve-se por instantes para olhar para ela. — Parto para Dallas amanhã de manhã.

— Oh. — A maioria das mulheres não ficaria contente ao saber que o seu par era geograficamente indesejável. Mas Amanda não era como a maioria das mulheres. Para ela, o Sr. Derek Óculos tinha-se tornado ainda mais apelativo.

Ela lançou-lhe um sorriso.

— Então acho que é uma sorte termo-nos conhecido.

— Sim — disse ele, olhando para ela com o tipo de calor inegável que faz qualquer mulher derreter-se. — Muita sorte, mesmo.

— Então és alguma espécie de estrela de cinema?
Amanda fez a pergunta na brincadeira, mas se a resposta fosse afirmativa ela teria acreditado nele. Estavam sentados numa mesa escondida no pequeno bar há apenas 15 minutos e, dada a reação dos empregados e de alguns clientes, ele parecia ser a atração principal. Tendo em conta aqueles olhos cinzentos ardentes e quase semicerrados e a forma sensual como movia o corpo, Amanda achava que o seu palpite não poderia estar muito longe da realidade.

As comissuras dos lábios dele curvaram-se num sorriso.

— Sinto-me lisonjeado — disse ele. — Mas o que é que te faz dizer isso?

— Bem, em primeiro lugar, és lindo.

— Fico satisfeito que penses assim. Tenho estado a pensar a mesma coisa de ti a noite toda. Em como ficas linda com essa saia elegante. E em como ficarias certamente excepcional sem ela.

Foi a vez de Amanda se mostrar divertida.

— Nada mal — disse ela, tirando o pé do sapato e esfregando os dedos no tornozelo dele. — Mas se pensas que um elogio fatela desses me vai levar para a cama, vais ter de te esforçar mais.

Ele tinha acabado de levar o copo de uísque aos lábios. Felizmente, não tinha bebido nenhum gole, porque soltou uma gargalhada baixa, vinda do fundo da garganta, e o som foi deliciosamente sensual.

— Entendido — disse ele. — Vou aprimorar as minhas frases de engate.

— Sim, faz isso. — Ela bebeu um gole de vinho para esconder o sorriso. Não tinha a certeza absoluta daquilo que se estava a passar entre ela e aquele tipo, mas sabia que gostava da companhia dele e do seu sentido de humor. De certo modo, e ela honestamente não tinha a certeza de qual tinha sido

o ponto de mudança, tinham passado de uma conversa educada para insinuações sexuais e provocadoras durante a caminhada para o hotel.

Noutras circunstâncias, teria posto imediatamente um travão a isso, mesmo com a química sexual que existia entre eles. Afinal de contas, ela tinha as suas próprias regras. Mas aquele tipo, que morava longe e partia no dia seguinte, parecia uma aposta segura. Um bom risco.

Mais importante ainda, ela desejava-o.

E há muito tempo que ela não desejava um homem assim, de forma real e completa.

— Além disso — disse ela, roçando novamente os dedos no tornozelo dele —, acho que vais perder uns pontos por essa tentativa desajeitada de evitares a minha pergunta inicial.

— Não sou uma estrela de cinema — disse ele. — Não era uma pergunta a sério, ou era?

Ela encolheu os ombros.

— Desde que entrámos neste hotel os empregados estão sempre a olhar para ti. E o serviço é excelente. Deves ser importante.

— Oh, e sou.

— Quem?

Ele inclinou-se para a frente e a sua expressão era tão intensa que o coração dela disparou.

— Sou o homem que te vai fazer implorar.

A boca dela ficou subitamente seca.

— Oh.

Engoliu em seco e todo o seu corpo foi tomado pelo desejo. Queria derreter ali mesmo. Queria dizer-lhe para a levar para um quarto e provar que ia cumprir as suas promessas.

Mas Amanda não gostava de perder e, o que começou como provocação, parecia agora um jogo. Um jogo sedutor e fabuloso. E ela sabia exatamente qual seria o seu próximo passo.

Lentamente, subiu o pé pela perna dele, sem nunca deixar cair o contacto visual, até ter os dedos entre as pernas dele, e lhe sentir o pénis cada vez mais duro. A pequena mesa tinha uma toalha, por isso os avanços dela

eram ocultados por um tecido branco e adornado. Mas qualquer pessoa que olhasse para o rosto dele conseguia adivinhar o que se estava a passar por baixo da toalha.

— Pobrezinho — disse ela, fingindo um semblante carregado. — Preso aí dentro. Talvez devesse abrir o fecho e deixá-lo sair cá para fora para brincar.

Ela viu-o recuperar o fôlego e depois endireitar mais as costas, numa tentativa clara de se controlar.

— Estás a fazer batota — acusou ele.

Amanda arqueou as sobrancelhas.

— Como?

— Se conseguisse pensar neste momento, dir-te-ia.

Ela deixou escapar uma gargalhada, completamente surpreendida.

— Gosto de ti. — Ela falou sem pensar, mas, que diabo, era verdade. Depois levantou o copo e bebeu o vinho. — Olha. Acabei a bebida.

Ele fez o mesmo, voltando a pousar na mesa o copo de pé alto vazio de forma ruidosa.

— E esta? Também acabei a minha bebida.

Com um sorriso perverso, ela afastou o pé.

— Penso que a questão que se impõe agora é qual de nós vai implorar. E pelo quê?

— Não tenho um pingo de vergonha na cara — contrapôs ele, pegando na mão dela e acariciando-lhe suavemente o polegar. — Vem comigo para o meu quarto. Estou a implorar-te.

— Tu é que me convenceste — disse ela, sentindo-se derreter com a sensação do polegar dele a roçar a sua pele.

— Anda. — Ele deslizou para fora da cadeira e ela baixou o olhar para o chumaço dele e depois lançou-lhe um sorriso descarado.

— Devíamos arranjar-te um quarto.

— É esse o meu plano. — Ele remexeu-se um pouco, como se estivesse desconfortável, e depois começou a caminhar em direção ao elevador. Ela acompanhou-o, fazendo um esforço para não sorrir.

— Tens a noção do sarilho em que te meteste? O castigo pode ser repentino e duro.

— Uma rapariga pode sonhar.

Ele riu-se baixinho.

— Não precisas de assinar a conta?

Ele abanou a cabeça.

— Eles conhecem-me.

— Se o dizes...

Ele soltou uma gargalhada.

— Prometo. Está tudo bem. E, neste momento, não me apetece esperar.

Esse sentimento era completamente mútuo e ela acompanhou-o até ao elevador, rendida. Ele pegou-lhe na mão quando entraram no elevador, juntamente com outro casal que trazia tantos sacos de compras que só podiam ser turistas.

Ele ficou de costas voltadas para a parede e posicionou-a à sua frente, envolvendo-lhe a cintura com os braços e aproximando-a de si, com os corpos tão colados um ao outro, que ela conseguia sentir a ereção dele a fazer pressão nas suas costas.

O outro casal estava junto à porta, como se estivesse a preparar-se para uma fuga rápida. O que significava que não estavam a olhar para trás. E foi provavelmente por isso que não viram Derek colocar uma das mãos sobre a pélvis dela, mais precisamente sobre o osso púbico de Amanda.

Entre essa pressão e a sensação de ter o pénis dele encostado às suas costas, Amanda temeu ligeiramente explodir naquele momento e naquele lugar. Todo o seu corpo estremecia e ela estava bastante ciente de todos os pontos de contacto com Derek.

Estava ansiosa por se despir e sentir o contacto entre as suas peles, mas não o podia fazer naquele momento. Pelo menos não para já. Em vez disso, mordeu o lábio inferior, engoliu em seco e tentou decidir se preferia que a viagem até ao andar fosse rápida ou muito, muito lenta.

Afinal de contas, a viagem foi rápida. Encontravam-se no sétimo andar, mas continuavam acompanhados pelo casal. O que significava que não havia privacidade para mais nada além da posição íntima que tinham partilhado no elevador.

Isso era suficiente. No que dizia respeito aos preliminares, estes tinham sido bastante eficazes porque, mal saíram do elevador, Amanda sentiu os

seios sensíveis e retesados e um ardor entre as coxas que indicava um desejo potente.

No que lhe dizia respeito, ela mal podia esperar que ele abrisse a porta. E quando ele finalmente a abriu, ela mal teve tempo para desejar que as coisas avançassem rapidamente antes de ele a puxar violentamente contra si e começar a levantar-lhe a camisola, puxando a seda leve por cima da cabeça dela.

Ele olhou-a por instantes. Deixou escapar um suspiro e murmurou:

— És tão bonita.

— Por favor — implorou ela, atrapalhando-se com os botões para lhe desabotoar a camisa. Para sentir os músculos duros dos seus abdominais na sua pele.

— Quero tocar-te. Tu... oh, meu Deus, Amanda, há algo em ti que me faz arder por dentro. Não consigo esperar. Ou talvez consiga, mas tenho a certeza de que não quero.

— Eu também não — admitiu ela. — Onde fica o teu quarto?

Ele agarrou a mão dela e conduziu-os até lá. Depois inclinou a cabeça como se a estivesse a inspecionar.

— O que foi?

— Se bem me lembro, tu precisavas de um castigo.

— Oh, a sério? O que tens em mente?

— Faz-me um *striptease*.

Ela abanou a cabeça.

— Não. — Ela caminhou à frente dele e depois posicionou-se a centímetros do local onde ele estava sentado. Estava a usar saltos altos e continuava vestida com a saia e o soutien. Também estava a usar roupa interior, se uma tanga minúscula e encharcada contasse como roupa interior.

Chupou lentamente a ponta do seu dedo. Depois deslizou-o para debaixo do cóis da saia em direção ao clitóris, estimulando-se a ela própria para que ele pudesse ver. Claro que ele não conseguia ver o que ela estava a fazer, mas isso não importava. Os olhos dele fitaram-na e o desejo que ela viu — desenfreado, feroz — excitou-a muito mais.

— Queres? Então despe-me. — Ela virou-se, dando-lhe acesso ao fecho.

— Querida, acho que nos vamos divertir a valer. — Ele baixou o fecho e puxou-lhe a saia acima das ancas. — Lindo — murmurou ele, acariciando-lhe o rabo. — Abre as pernas e inclina-te para a frente para mim, agarrada aos tornozelos.

Ela assim o fez e ele pôs-se de joelhos e passou a língua por cima da curva do rabo dela enquanto lhe baixava a tanga, expondo-a completamente.

Estava tão excitada que mal conseguia aguentar e mordeu o lábio inferior, com medo de se vir mal ele lhe tocasse. Isso não aconteceu, mas quando ele passou com a língua por cima do períneo dela, ela quase enlouqueceu e implorou-lhe que a fodesse.

— Eu disse que te faria implorar — disse ele, fazendo-a rir, apesar de ela querer continuar a implorar-lhe.

Ele dirigiu-se à mesinha de cabeceira e voltou com um preservativo.

— Não sei quanto mais tempo consigo esperar — disse ele, enquanto colocava o preservativo. Depois desapertou-lhe o soutien e ela libertou-se dele, suspirando de prazer quando as mãos quentes de Derek se apoderaram dos seus seios.

Ele brincou com os mamilos enquanto movia as ancas, fazendo-a sentir a ereção dele nas suas costas.

— És tão sensual, Amanda — disse ele e ela desejou-o ainda mais ao ouvi-lo pronunciar o seu nome.

— Quero ver-te. — Ela virou-se, agora completamente nua, à exceção dos saltos altos. Ela levou a mão ao peito dele e empurrou-o para que ele se sentasse na beira da cama. Depois colocou-se em cima dele de forma a esfregar o sexo na sua ereção enquanto cobria a boca dele com a dela, para receber outro beijo lento e apaixonado.

— Chega — disse ele, interrompendo o beijo de forma brusca. — Tenho de entrar dentro de ti.

Ela soltou uma gargalhada e depois deu-lhe um beijo rápido.

— Agora estamos quites. Também imploraste.

— Cruel. — Ele segurou-a pelas ancas, estimulando-lhe o sexo com a ponta até assumir o domínio, porque ela tinha-lhe implorado que a libertasse para conseguir descer e permitir que ele entrasse dentro dela.

Uma vez que ele desejava aquilo tanto quanto Amanda, não argumentou e entrou rapidamente dentro dela. Ela prendeu os tornozelos atrás das costas de Derek e colocou as mãos nas suas ancas de forma a conseguir que ele a penetrasse mais profundamente.

— É isso mesmo, querida — disse, e a boca dele abateu-se sobre a dela, chupando e provocando. Depois deslizou uma mão na anca dela para se mover entre eles e lhe massajar o clitóris à medida que os corpos se entrelaçavam.

O corpo de Amanda foi percorrido por choques elétricos, longas descargas elétricas que se propagavam pelo seu sexo. Arqueou o corpo para trás e a boca dele fechou-se em redor do seu seio, chupando-o de forma tão intensa que ela sentiu os efeitos no sexo.

Sobretudo, sentiu o fogo a percorrer-lhe o corpo. Sentiu o corpo vivo. Consciente.

— Estou perto do orgasmo — disse-lhe ela. — Vem-te comigo. Derek, por favor, vem-te comigo.

Ele não disse nada, mas Amanda viu o seu rosto quando se aproximava a tempestade. Uma paixão violenta estampada na expressão dele que refletia um prazer intenso. Um prazer que ela lhe tinha dado. Que ambos tinham criado em conjunto.

Parecia magia e, assim que a ideia assentou na sua cabeça, ela explodiu, balançando-se mais contra Derek, na tentativa de obter aquela fricção adicional que a poderia levar mais além, antes de ambos terminarem ofegantes e cansados, com os corpos colados numa cama ainda por desfazer.

— Uau — disse Amanda quando conseguiu respirar novamente. Remexeu-se e ficou voltada para ele, com as pernas entrelaçadas. — Quer dizer, a sério, *uau*.

Derek sorriu.

— Vou considerar que isso é um elogio.

— E devias. — Ela inclinou-se para ele e beijou-o. — Diverti-me muito esta noite.

— Isso soa a despedida.

— Tenho uma reunião amanhã de manhã. — Era verdade, caso contrário, Amanda sentir-se-ia tentada a ficar. Ela percebeu nesse momento que

nunca lhe tinha dito qual era a sua profissão. Apesar de Derek claramente ter dinheiro e poder trazer-lhe novos clientes. Ou tornar-se ele próprio um cliente.

Isso não era *mesmo* característico dela e essa percepção era um pouco desconcertante.

— Estás bem? Pareces estar noutra planeta.

— O quê? Oh. — Ela deu-lhe novamente um beijo ao de leve nos lábios para disfarçar a sua distração e depois saiu da cama. — Estava a pensar em trabalho. Para ser honesta, não devia ter perdido tanto tempo esta noite. Tenho muita coisa para preparar — Amanda esboçou um sorriso genuíno. — Mas não me arrependo de todo.

— Fico contente por saber. Eu também não.

Ele ficou deitado na cama, olhando-a fixamente enquanto ela vestia as cuecas. Honestamente, era como reverter os passos de um *striptease* e, por instantes, Amanda sentiu-se tentada a vestir-se na casa de banho. Mas a aprovação e o desejo no rosto dele acabaram com qualquer ideia de fugir. Pelo contrário, ela sentia-se tentada a levantar a saia, deitar-se novamente na cama e abrir as pernas para ele.

Calma, rapariga.

— Não cheguei a responder à tua pergunta.

— Sei que não és uma estrela de Hollywood — disse ela, enquanto vestia a blusa. — Mas agora diria que és uma estrela de *rock*. O teu desempenho hoje foi incrível.

— Fico feliz por teres gostado do concerto. — Afastou o lençol e depois caminhou na sua direção, nu, e o seu corpo rígido distraiu-a de tal forma que se atrapalhou com o botão da saia.

O seu sorriso presunçoso sugeria que ele sabia exatamente por que motivo Amanda estava com dificuldades e Derek assumiu a tarefa, roçando os dedos pela pele quente dela enquanto subia lentamente o fecho e lhe abotoava a saia.

— Toda vestida. É uma pena tapar uma visão tão bela.

— Bem, talvez possas dar outra espreitadela numa outra ocasião.

Assim que as palavras saíram da sua boca, Amanda ficou paralisada. Não tinha intenção de as pronunciar. A ideia daquela noite era exatamente ser

uma situação única. Uma forma de satisfazer um prazer sem se envolver em complicações.

Ela esperava e queria que aquela fosse uma situação única. Mas depois ele disse que vinha a Austin em trabalho algumas vezes por ano e perguntou-lhe se lhe podia telefonar. E a única resposta que saiu dos seus lábios foi:

— Sim.

— Boa — disse, e essa simples palavra transmitia tanta emoção que parecia ter um domínio sobre ela.

— Mas tenho de te dizer uma coisa. Não estou à procura de um relacionamento. Neste momento, o meu trabalho é o meu relacionamento. É o foco de toda a minha atenção. Um encontro como o de hoje seria divertido.

— Pois seria — disse ele.

— Toma. — Puxou um cartão da mala e entregou-lho. — O meu número de trabalho e de telemóvel. — Lambeu os lábios e fez-se de forte. — Espero mesmo que ligo.

— Eu ligo — disse ele.

Amanda sorriu, sentindo-se embaraçada e um pouco ansiosa, e depois encaminhou-se para a porta. Tinha acabado de rodar o trinco quando ele falou novamente.

— Nunca te cheguei a responder.

— Consigo detetar uma causa perdida quando a vejo — gracejou ela e depois acrescentou —, na verdade, não me digas agora. Se não nos voltarmos a ver, não interessa. E se nos voltarmos a ver, podes dizer-me nessa altura.

Ainda nu, ele avançou em quatro passadas largas na sua direção sem desviar os olhos do rosto dela. Sem pronunciar uma palavra, puxou-a para si e ela sentiu as pernas enfraquecerem sob a força do seu beijo quente e exigente.

Quando a libertou, ela respirava com dificuldade e o seu corpo implorava-lhe que esquecesse o trabalho e passasse o dia na cama.

O seu sorriso sugeria que sabia exatamente aquilo que Amanda estava a pensar, mas tudo o que ele disse foi:

— Está combinado.

Anthony Winston bebeu um gole do sumo de laranja enquanto examinava o filho.

O ritual era familiar, ainda que desagradável, e Derek endireitou as costas e manteve-se em silêncio, permitindo que o pai analisasse tudo o que tinha a analisar. Não que a inspeção importasse muito. Pela experiência de Derek, o pai dele via o que queria ver e não o que na realidade existia.

Anthony via em Derek um fracasso. Um homem mais interessado em divertir-se do que em trabalhar no negócio de família. O que fora verdade uma década atrás.

Mas agora ele tinha 36 anos e as coisas tinham mudado. O negócio de família era importante para ele e dava provas disso todos os dias no escritório, onde fazia um excelente trabalho, se lhe fosse permitido gabar-se disso.

Ele *tinha* de se gabar disso, porque o pai nunca o fazia.

E havia ainda a irmã de Derek, Melinda. Derek tinha muito carinho por ela, mas Mellie era um desastre. No entanto, aos olhos de Anthony, ela era perfeita. Segundo o velho Winston, o fiasco com a remodelação da piscina que ela estava supostamente a supervisionar no rancho da família Winston não tinha nada a ver com o facto de ela ser uma desmiolada. Para Anthony, a culpa tinha sido inteiramente do responsável da construção. E não da preciosa Mellie.

Mas é claro que a visão de Anthony Winston era muito mais clara no que dizia respeito ao negócio. Ele via e analisava minuciosamente cada detalhe.

Se Derek era um fracasso assim tão grande, por que motivo era ele que ia a Austin negociar com os proprietários do Motel South Congress Motor Inn? É verdade que o negócio tinha sido ideia de Derek, mas Anthony Winston gostava de se envolver em tudo. Não era do tipo de ceder as negociações só porque outra pessoa tinha concebido um projeto.

Poderia ser que, por entre tantas críticas, o pai possuísse uma visão mais clara do que Derek pensara?

Não sabia. Tudo o que sabia é que, se fizesse asneira, o pai serviria a sua cabeça numa bandeja, panada e frita para o almoço. Provavelmente acompanhada de um bom *Chianti*.

Anthony bebeu mais um gole de sumo e franziu o sobrolho quando Derek acabou de beber o café.

— Devias beber sumo, não café. É o teu terceiro café. Demasiada cafeína tolda os sentidos. Precisas de ser perspicaz.

Derek suprimiu um suspiro, ignorando o seu copo de sumo que continuava cheio.

— Sou perspicaz, pai. Suficientemente perspicaz para saber que não me trouxeste ao rancho esta manhã apenas para criticares o meu hábito de consumir cafeína.

O rancho a que se referia era o Winston Ranch, com uma área de 166 hectares em Oak Cliff, uma zona contígua a Dallas. Derek e o pai estavam na cabana junto à piscina a tomar o pequeno-almoço servido por empregados tão eficientes, que qualquer um deles poderia ter trabalhado num restaurante de luxo em Nova Iorque. Contudo, não trabalhavam, porque Anthony Winston pagava-lhes principescamente.

Em tempos idos o rancho ocupava uma área muito maior e funcionava como zona de trabalho. Mas isso foi antes de Derek nascer, e ele apenas sabia disso porque a venda da terra excedente, juntamente com a decisão do seu bisavô de construir um hotel majestoso no centro de Dallas, tinha sido o catalisador da fortuna da família Winston. A qual era, francamente, vasta.

Agora o rancho funcionava como casa de família e era composto pela casa principal, pela casa mais pequena da sua irmã, por uma garagem com lugar para 20 carros e por pequenas casas de campo para os empregados. Seis mil hectares pertenciam a Derek para a construção de uma casa. Mas ele não o pretendia fazer. Gostava de trabalhar no negócio de família, mas queria o seu próprio espaço. E isso significava focar-se noutros caminhos que não passavam pela empresa Winston e muitos deles levavam-no para longe de Dallas. Mais importante ainda, ele não tinha qualquer vontade de viver no

rancho, onde sempre que olhasse para o céu, a única coisa que veria era o olhar do pai a analisá-lo ao microscópio. Já era suficientemente analisado ao trabalhar com ele.

Anthony pousou o copo de sumo e recostou-se na cadeira, mantendo-se em silêncio enquanto examinava Derek. O pai era um homem de grande porte, com os ombros largos que Derek via sempre que se olhava ao espelho. Também conseguia ser bastante intimidante.

Hoje, Derek não se sentia intimidado. Pelo contrário. Hoje, sentia-se irritado.

— Preciso de ir para o aeroporto. E qual é o motivo da convocatória ao castelo?

— Porque a reputação desta empresa exige que o negócio com o Motel South Congress Motor Inn seja tratado com elegância.

Derek recostou-se, juntando as pontas dos dedos.

— Esqueceste-te de que fui que possibilitei o negócio? Que todo o conceito por trás desta aquisição foi meu?

O pai dele suspirou.

— Tens as ideias no sítio, filho, ninguém duvida disso.

Derek arqueou as sobrancelhas. Pelo que lhe era dado a entender, o pai duvidava disso todos os dias.

— Mas este é um negócio que precisa de ser tratado com discrição. Não deve chegar ao conhecimento dos investidores ou da especulação dos mercados. — O olhar de Anthony cruzou-se com o de Derek. — Percebes aquilo que estou a dizer?

— Pai, eu percebo do negócio desde que andava de fraldas. Tenho licenciaturas em gestão de empresas em Harvard e Yale. Deixaste-me trabalhar em hotéis da concorrência quando tinha 16 anos. Trabalhei no serviço de quartos. Trabalhei na lavandaria. E daria um excelente *concierge*, se é que me posso gabar. Conheço o negócio de trás para a frente. Para além disso, partiu de mim a ideia da Winston Boutiques. Por isso, desculpa lá se pareço um pouco irritado por me estares a dar um sermão sobre aquilo que já sei.

A divisão Winston Boutiques ainda estava em fase de planeamento, mas Derek estava determinado a concretizá-la e reclamá-la como uma ideia sua.

E, naquele momento, estava tudo dependente do negócio com o Motel South Congress Motor Inn. A ideia era encontrar motéis com boa localização, mas com uma situação financeira degradada e importância sentimental para a cidade, transformá-los em quartos de qualidade com comodidades de luxo e comercializá-los como alojamentos com um ambiente retro.

No mês passado ele tinha visitado o motel em declínio na South Congress Avenue, uma zona comercial e turística em Austin, e tinha decidido que era o local perfeito para o lançamento.

Tudo o que Derek tinha de fazer era comprar o espaço e dar início ao processo.

E quando concretizasse esse negócio, pretendia insistir em ficar responsável por toda a divisão Winston Boutiques.

Contudo, *essa* decisão cabia ao conselho de administração. E o conselho não limpava o rabo sem antes pedir a opinião de Anthony Winston.

Suspirou. Basicamente, não ia conseguir sair do rancho até o pai acabar de falar.

— Não estou a duvidar das tuas competências, filho. És um Winston, está-te no sangue. Mas não queremos que a imprensa saiba o que andamos a fazer, e pela forma como tu e o Jared Ingram se comportam...

Derek levantou uma mão.

— Mas que raio tem o Jared a ver com alguma coisa? Ele está em Los Angeles e eu estou aqui e não saímos juntos há meses.

— É bom saber — disse o pai dele. — Porque vocês precisam de se acalmar.

Jared Ingram era o colega de quarto de Derek no colégio interno. Herdeiro de uma fortuna familiar que remontava ao início dos tempos, Jared tinha dinheiro suficiente para comprar e vender Anthony Winston mil vezes. Era inteligente, divertido e sociável e, ao contrário de Derek, não fazia a mínima ideia do que queria fazer com a vida.

— Acalmar? — Derek olhou para o pai. — Esse é um eufemismo para socialização? Para diversão? Credo, pai, passei a minha vida toda a proteger a marca Winston. Vais censurar-me por ir a umas festas?

— É um eufemismo para fazer asneiras e fazer figura de parvo. O que foi? Não te sabes divertir sem ser numa festa com alguma lambisgoia?

A apanhara a bebedeira e a apareceres nos jornais sempre que saís com esse rapaz?

Frustrado, Derek recostou-se e passou os dedos pelo cabelo.

Sem sombra de dúvidas, Jared era um engatão. E embora Derek não chegasse aos calcanhares de Jared nesse campo, ele não podia negar que costumava ter o mesmo comportamento. Especialmente quando saía com Jared.

Contudo, Jared não era mau rapaz, nem um inútil, e a sugestão do pai em contrário fazia o sangue de Derek ferver.

— Eu trabalho muito. Mas também me divirto muito. E nunca me esqui-vei às minhas responsabilidades com a Winston Corporation.

Assim que pronunciou as palavras, estas pareceram-lhe ocas. A verdade é que, ultimamente, as atitudes de Jared também enervavam Derek. Ao longo do último ano, Derek tinha saído com o amigo mais para o controlar. Não para passar tempo com ele.

Mas era típico do pai não lhe dar o benefício da dúvida.

Mesmo assim, tinha de admitir que o pai não estava completamente errado. Só porque Derek não se embebedava em todas as discotecas de Nova Iorque e Los Angeles, isso não significava que fosse totalmente puro. Tinha tido a sua quota-parte de mulheres ao longo dos anos e assim continuava a acontecer. E, sim, por vezes isso acabava nas notícias.

O passado dele não deveria influenciar o negócio em Austin, mas, se o passado fosse transposto para o presente, poderia influenciar. Se fosse visto com uma mulher em Austin, isso certamente chegaria às redes sociais. Não seria propriamente uma situação prejudicial, mas um concorrente observador poderia ver uma fotografia dele em Austin e perguntar-se o que fazia ele ali. E possivelmente investigar. E possivelmente descobrir.

E então a Winston Corporation poderia ver-se numa guerra de ofertas com várias partes, em vez de ser a única jogadora na mesa de negócio com o motel.

Caramba, o mundo era mais simples nos tempos do pai. Mas não havia forma de travar as redes sociais.

Com relutância, pousou o copo de sumo de laranja, levantou-se e fixou os olhos no pai.

— Vou agora para o aeroporto — disse ele. — E não vou dar cabo do negócio.

E não daria, pensou ele enquanto contornava a piscina e se dirigia para a casa principal. Mas a realidade frustrante é que pretendia ligar a Amanda Franklin durante a viagem para a avisar que passaria a noite na cidade.

Há mais de um mês que ela não lhe saía da cabeça. Os seus sonhos tinham sido invadidos pelas memórias da noite que passaram juntos, memórias tão intensas que em mais do que uma ocasião ele tinha tido de tomar um duche frio antes de pensar em vestir-se.

No mês anterior tinha resistido a ligar-lhe de Dallas. Ela tinha deixado bem claro que, se voltassem a estar juntos, seria uma vez sem exemplo. Mas ele não se importava com isso. Por muito que ela não lhe saísse do pensamento, Derek não precisava da complicação de ter uma mulher fixa na sua vida.

Pelo contrário, durante muitos anos, Derek tinha sido o homem que saía com uma mulher diferente todos os fins de semana. Talvez não com a exuberância de Jared, mas Derek nunca tinha sido do género de se prender a alguém. Para quê? A sua prioridade eram os negócios e estes consumiam-lhe todo o tempo. Por que motivo não haveria de aproveitar o tempo livre que tinha? Especialmente quando havia tantas mulheres em todas as cidades onde os Winstons tinham negócios que ficariam mais do que felizes em entretê-lo.

E o facto de ele não ter ligado a nenhuma delas no último mês não tinha nada a ver com a noite que ele e Amanda tinham passado juntos. Porque teria? Ela era farinha do mesmo saco, não era? Uma mulher focada na sua carreira e que não estava à procura de um relacionamento.

Por isso, não. A única razão para o seu celibato nestas últimas quatro semanas tinha sido a loucura da sua agenda. Tinha trabalhado muitas horas a planear a nova divisão e a conceber os termos do negócio com o motel. E em momento algum nestas semanas ele tinha conhecido alguma mulher suficientemente interessante para o afastar do trabalho.

Amanda era bastante interessante.

Cantarolou as palavras. *Era verdade o bastante.*

E, claro, era por esse motivo que ele ainda não se tinha esquecido dela.

Ao aproximar-se da casa, enviou uma mensagem ao mordomo a pedir um motorista e um carro pronto quando tirasse a mala da bagageira do seu *Mercedes*. Deixaria ali o seu carro para poder ler os e-mails durante a viagem do rancho até ao hangar dos Winstons no aeroporto de Love Field.

Estavam na estrada há 15 minutos e Derek tinha conseguido responder a todos os e-mails recebidos durante a manhã quando o telemóvel tocou. Olhou para o identificador de chamadas com a intenção de ignorá-la, a não ser que fosse a sua assistente, e viu que era Jared.

— Onde andas esta semana?

— Aspen. Devias vir aqui. A neve é fria, mas as mulheres são quentes.

Derek riu-se baixinho.

— Acredito. Pensei que estavas em Los Angeles. Vocês não estavam muito entusiasmados porque iam transformar o livro de um autor num filme?

— Essa autora também era jeitosa. Mas não correu bem.

Havia uma tensão desconhecida no tom de voz de Jared.

— O que se passa, meu?

— Nada. Merda. A sério, não é nada de especial.

— O quê?

— A Carla. A autora. Como disse, não é nada de especial.

Pelo tom de Jared, parecia ser importante.

— O que aconteceu?

— Ela deu-me com os pés.

Derek arregalou os olhos.

— Não sabia que namoravas com ela.

— E não namorava. Talvez fosse esse o problema. Ela deu-me com os pés e não me quis como produtor. Disse que não confiava em mim para o projeto. Que eu não sabia o que fazia.

Do ponto de vista de Derek, Carla parecia uma mulher astuta. Jared nunca tinha trabalhado em Hollywood, mas tinha dinheiro para entrar. Ele queria ser produtor, o que poderia ter corrido bem se ele tivesse pago a pessoas competentes para trabalhar com ele. Mas, pelo que Derek tinha visto, Jared representava, não trabalhava. Representava o papel de produtor sem

concretizar nada a não ser, talvez, aparecer em todas as discotecas mais conhecidas e numa ou noutra notícia do *The Hollywood Reporter*.

— Por isso, eu decidi borrifar-me para o assunto e vim para o Colorado. Devias vir aqui. Conheci umas senhoras encantadoras que não se importam de me manter quente.

— Não posso. Estou prestes a apanhar um avião para Austin.

E não iria mesmo que pudesse.

— Que pena. Esta é a minha vida, meu amigo. Trabalhar em Hollywood só dava problemas. Não vale o tempo que perdes se não precisas do dinheiro.

— Mas, pela primeira vez, havia algo na voz de Jared que o fez pensar que o amigo não acreditava nas suas próprias mentiras.

— Estás bem?

— Apenas cansado. Estou a manter-me ocupado, percebes?

A voz de Jared denotou um novo entusiasmo e a sombra de preocupação que se tinha abatido sobre Derek começou a dissipar.

— É justo. Cheguei ao aeroporto, por isso falamos mais tarde.

— Vem à cidade. Já não nos vemos há muito tempo.

Era um facto, contudo, ultimamente, Derek não sentia vontade de viajar até Manhattan. Em vez disso, só pensava em Austin.

Tudo o que conseguiu dizer foi:

— Claro.

Para Amanda, a única desvantagem do seu trabalho era o facto de não conseguir justificar uma chamada não atendida. Há muito tempo que tinha decidido não andar com dois telemóveis, o que significava que dava livremente o seu número aos clientes, aos potenciais clientes e a outros agentes e mediadores imobiliários. Como tal, ela acabava por ter de responder a tantas mensagens escritas que se tinha treinado a ela própria a ditar as respostas. Era isso ou tinha de começar a usar as unhas curtas. E isso não ia acontecer.

As chamadas eram a pior parte. Tinha sempre gosto em falar sobre o setor imobiliário, mesmo que o comprador fosse pouco qualificado ou estivesse apenas à procura. Afinal de contas, nunca se sabe quando as circunstâncias dessa pessoa poderiam mudar e ela queria estar no topo da sua lista de contactos. Mas isso significava atender todos os números desconhecidos, uma vez que poderia ser um potencial cliente a quem ela tinha dado o cartão.

Em resultado disso, já tinha recebido mais chamadas enganosas e robotizadas do que qualquer pessoa sã deveria receber. Chamadas sobre coisas que não lhe interessavam. Chamadas sobre coisas que ela não queria.

Por vezes até recebia chamadas inesperadas sobre coisas que não lhe deviam interessar e sobre coisas que não devia querer. Como a chamada daquela manhã. A chamada que ela tinha atendido apenas para ser apresentada pela voz arrastada de Derek.

— Bom dia, linda. Sabes quem é?

Saberia ela?

Sem dúvida. E aparentemente todas as partes dela sabiam também. Porque enquanto ele lhe dizia que ia embarcar num avião para Austin e estaria livre das reuniões e dos jantares às 22 horas e poderia encontrar-se com ela às 22h15, o corpo dela começou a arder com uma ânsia desconhecida e agradável.

De pé na recepção ricamente decorada do Winston Hotel, Amanda suspirou e baixou o olhar para o ecrã do telemóvel, verificando as horas pela milésima vez. *Tinha passado um minuto desde que olhara pela última vez.*

Amanda suspirou e continuou à espera.

Tinha passado um mês desde que ela e Derek se tinham encontrado em frente ao The Fix e tinham partilhado aquela noite incrível e, embora ela tivesse dito a si própria vezes sem conta que seria melhor ele nunca mais voltar a ligar — que seria melhor não se envolver —, ela não conseguia negar a explosão de calor que a tinha invadido mal escutara a voz dele. Um calor que se tinha transformado em expectativa quando ele lhe pediu para se encontrarem no hotel Winston às 22h15.

— Quarto 715 — disse ele, mencionando um quarto no mesmo andar onde tinham estado da última vez, e ela prometeu estar lá à hora marcada.

Agora eram 22h07 e ela continuava a olhar para o relógio do telemóvel como uma idiota. *Estás muito ansiosa?*, censurou-se a si própria, baixinho. Porque estava, obviamente.

Era esse o motivo pelo qual quase lhe dissera que tinha planos para aquela noite. Porque, apesar de ter sugerido que deveriam voltar a ver-se, ela não estava mesmo à espera de voltar a ter notícias dele. Na verdade, ela tinha pensado que era melhor que se tivessem afastado lentamente.

Mesmo assim, não tinha dito que não. Pelo contrário, tinha dito que sim, e com vontade. E tudo isto por causa das faíscas intensas que tinham surgido entre eles. E não apenas a nível sexual. Eles tinham conseguido rir e conversar. Eles tinham tido uma ligação.

E o sexo tinha sido incrível.

E, claro, era por esse motivo que ela ali estava. E era esse o motivo pelo qual ela continuava a dizer a si própria que deveria ir embora.

Derek era o tipo de homem pelo qual se poderia apaixonar e ela não tinha tempo para um relacionamento.

Não é que tivessem mencionado o assunto da última vez, mas esta noite Amanda teria de dizer alguma coisa. Eles precisavam de ser francos. Se voltassem a repetir o encontro, este teria de ser centrado no sexo. E em mais nada.

Ela apenas esperava que chegassem a um acordo... já para nem falar a um orgasmo enlouquecedor.

Bateu à porta do quarto 715 e ele abriu a porta dez segundos depois. Assim que o fez, Amanda soube que não seria difícil chegar ao orgasmo. O homem estava sensual como o raio nas suas calças de ganga pretas, pés descalços e t-shirt cinzenta justa no peito, que revelava os seus braços bem trabalhados.

Não era uma visão nada má, mas foi a expressão do seu rosto que fez Amanda ter a certeza de que não se arrependeria de manter o encontro. Uma intensidade quase selvagem que a deixou com a pulsação acelerada e a parte de trás do pescoço perlada de suor.

— Olá — disse ela. Isto é, tentou dizer. Não acabou de pronunciar a palavra porque ele a puxou para a entrada, fechou a porta com o pé e encostou-a à parede.

De imediato, a boca dele abateu-se sobre a dela e os dentes, os lábios e as línguas embateram uns nos outros. Era uma exigência, uma promessa. Desejo e ânsia. Caramba, era sexo. O tipo de sexo mais oral que Amanda conseguia imaginar e tudo o que ela queria era perder-se nele.

Ele entrelaçou os dedos no cabelo dela, mantendo-a presa enquanto a língua lutava com a dela. Os dentes embateram e ela sentiu o sabor do sangue, e a excitação do momento era inegável.

Ele manteve-a presa contra a parede enquanto cobria a boca dela, com sofreguidão, e a simples percepção de que tinha assumido o controlo — de que ele a estava a *dominar* —, fê-la ficar ainda mais excitada, embora não achasse que isso fosse possível. Tinha as cuecas encharcadas e sentia uma excitação em todo o corpo, como se estivesse no limite. Como se um toque a pudesse enviar para o espaço. E, oh, ela queria fazer essa viagem.

Inesperadamente, Derek afastou-se por instantes para capturar o olhar dela com os seus olhos. Depois ele moveu as mãos, deslizando-as pelos seus braços abaixo, descobertos na camisola de seda sem mangas que Amanda tinha vestida.

O toque dele fê-la tremer e, respirando fundo, abriu os lábios e fechou os olhos, desejando simplesmente sentir. As mãos dele nos braços dela.

O seu corpo esguio e musculado bem colado ao seu. A ereção a forçar as suas calças e a fazer pressão no seu ventre.

Ainda bem que tinha vestido uma saia porque não conseguia aguentar muito mais tempo.

— Por favor — implorou ela. — Quero-te já. À bruta e aqui mesmo contra esta parede.

Por instantes, ele inclinou-se para trás para Amanda conseguir ver o brilho de pura excitação nos olhos dele. Depois baixou-se e agarrou a saia dela e, num movimento violento, puxou-a até à cintura.

Em seguida, levantou-a de forma a que as suas pernas ficassem enroladas em volta dele e encostou-a à parede. Ele era forte, graças a Deus, e utilizou uma mão para se libertar e retirar um preservativo do seu bolso traseiro.

— Vim preparado — disse ele.

— Mostra-me as tuas técnicas fantásticas e despacha-te.

Ele assim o fez, e ela tê-lo-ia aplaudido se não estivesse demasiado ocupada a gritar o nome de Derek quando ele arremeteu contra ela, enterrando-se dentro dela numa demorada investida que se apoderou de Amanda e a domou, preenchendo cada célula do seu corpo.

Ele investiu com força dentro dela, fazendo com que batesse com as costas contra a parede, e as suas bocas colidiram com violência. Foi selvagem e obsceno e exatamente aquilo que ela queria. E quando essa explosão finalmente chegou ao fim, Amanda gritou e agarrou-se a ele como se fosse a coisa mais importante para ela. Naquele momento, talvez fosse.

Lentamente, foram caindo até se encontrarem no chão e, embora soubesse que deviam mover-se, tudo o que conseguia fazer era ficar ali deitada a respirar.

Oh, sim. Foi bom.

— Ei — murmurou ele, congratulando-se a si próprio. — Que bom ver-te.

Ela desatou a rir, mas o som saiu abafado, dado que a tinha reduzido a uma criatura frouxa e sem ossos. O riso não fazia parte do acordo.

— A ti também — respondeu ela.

Com esforço, Amanda levantou-se, apoiando-se sobre os cotovelos, e olhou em volta.

— Este é o mesmo quarto?

Ele lançou um sorriso malandro ao levantar-se.

— Tivemos tanta sorte aqui da primeira vez.

— Pensa como será fantástico fazê-lo no mesmo quarto e na mesma cama — gracejou ela.

— Estou pronto se tu estiveres.

Ela arregalou os olhos e baixou o olhar, reparando que ele não estava a brincar sobre estar pronto. Amanda mordeu o lábio inferior e ele encolheu os ombros.

— Não vale a pena estarmos a vestir-nos para conversarmos se vamos ficar novamente nus daqui a pouco.

Ela teve de conter o riso.

— Realmente não percebo a tua lógica, mas gosto do plano. Guia-me.

Derek bebeu um gole de vinho do copo abandonado que tinha deixado na mesinha de cabeceira. Tinham bebido uma garrafa de vinho em tempo recorde. Claro que tinham ficado com sede, após o exercício físico. O segundo exercício físico da noite, se contassem com a cena da entrada.

Derek permitiu-se a si próprio esboçar um sorriso convencido, depois esticou-se na cama junto a Amanda, que estava a dormir ao lado dele. Sua-vemente, roçou as pontas dos dedos pela pele pálida dela enquanto se divertia com a forma como se contorcia sob o toque dele.

— Para — murmurou ela. — Estás a fazer-me cócegas.

— Talvez seja esse o meu plano. Talvez te queira acordar.

Ela rebolou na cama e pestanejou.

— Para eu te deixar em paz?

As palavras dela foram como um murro no estômago.

— Podes ficar o tempo que quiseres. Estava a pensar que se estivesses acordada podíamos fazer outras atividades.

— És insaciável.

— E tu tens uma mente perversa — contrapôs ele. — Estava a pensar em manter uma conversa. — Ele inclinou a cabeça em direção à sala de estar da suite. — Queres beber um pouco de vinho? Conversar? Ver um filme?

Por instantes, Amanda pareceu tentada. Depois abanou a cabeça.

— Provavelmente devia... — ela calou-se e sentou-se na cama, puxando o lençol de forma a tapar os seios. — É só que tenho de mostrar uma casa às 9 horas, amanhã e ainda tenho de preparar muitas coisas e...

Ele levou a ponta do dedo aos lábios dela.

— Não há problema. Não é preciso dares nenhuma explicação. — Ela pareceu derreter-se um pouco e Derek pensou ver alguma súplica nos olhos dela. — A sério.

Ela examinou-o durante algum tempo e depois acenou com a cabeça antes de sair da cama. Derek viu-a vestir-se, arrependendo-se de ter sequer falado, porque assim Amanda poderia ter adormecido e ele poderia acordar na manhã seguinte com ela nos braços.

Mas se o tivessem feito, ela provavelmente atrasar-se-ia para a apresentação no dia seguinte. Assumindo que tinha de facto uma apresentação. Talvez a tivesse assustado e ela quisesse fugir.

Mas não havia problema. Ela podia fugir. Por agora.

Ele só queria voltar a estar com ela da próxima vez que viesse à cidade.

Quando Amanda acabou de se vestir, ele levantou-se, vestiu os *boxers* e pegou no roupão com o logótipo do Winston Hotel que atou enquanto se dirigiam para o elevador.

Ela ficou parada com a mão na maçaneta.

— Lamento mesmo.

— Não penses nisso. — Encostou-se à parede. — Na verdade, vou estar novamente na cidade daqui a um mês. Para ser sincero, ultimamente tenho vindo com regularidade a Austin. — Não era uma mentira descarada e as suas viagens estavam prestes a tornar-se realmente mais frequentes. — Podemos improvisar. — Engoliu em seco e depois continuou. — Ou podemos fazer planos. Neste quarto. Posso enviar-te uma mensagem escrita com as datas assim que as souber.

Meu Deus, ele tinha mesmo acabado de sugerir aquilo? Ele precisava de dormir mais horas. Ou possivelmente de beber menos álcool.

Amanda arregalou os olhos castanho-escuros e ele pensou que poderia perder-se neles.

— Neste quarto? Como podes ter a certeza de que te vão atribuir sempre este quarto?

— Ah, certo. Lembras-te de me teres interrompido antes de conseguir dizer o que fazia?

Ela acenou com a cabeça.

— Bem, o meu trabalho envolve mais ou menos ser um Winston.

— Repete.

Ele manteve uma cara séria.

— Só se ficares mais um pouco.

Ela revirou os olhos.

— Comporta-te. E o que é que estás a dizer?

— Derek Winston — disse ele, estendendo-lhe a mão. — E a minha família é a dona deste hotel.

— Oh. *Oh*. — Ela libertou a mão e depois enrolou uma madeixa de cabelo no dedo, parecendo estar a processar aquela informação. — E então queres usar este quarto para encontros sexuais?

Ele levantou uma mão.

— Espera, não estava a falar nesse sentido.

— Não, não. Já percebi. — Acenou com a cabeça lentamente, franzindo a sobrelha, perdida em pensamentos. Depois surpreendeu-o ao dar um passo em frente para lhe depositar um beijo na face. — Sabes que mais? Penso que este plano vai funcionar muito bem.

Doze meses, doze homens, doze histórias absurdamente sexy.

O bar **The Fix on Sixth** está em risco de fechar. Um grupo de amigos decide ajudar, competindo com o que de melhor tem: sensualidade e atributos físicos! E assim surge o concurso **O Homem do Mês**, onde os melhores partidos do Texas vão disputar o título durante doze meses, atraindo os olhares do público e das mulheres que os tiram do sério.

◦ Julho ◦

Trabalhador e ambicioso, **DEREK WINSTON** está em Austin para negócios... Até se cruzar com a sensual Amanda. E o que parecia o início de uma amizade colorida torna-se algo mais intenso. Só há um problema: Amanda tem medo de compromissos. Conseguirá Derek mostrar-lhe o que anda a perder?

◦ Agosto ◦

O inspetor **LONDON WARE** foi encarregado de proteger Taylor do seu ex-namorado possessivo. Mas, no decurso do seu trabalho, apercebe-se de que quer muito mais do que mantê-la em segurança: o que ele deseja é ter Taylor na sua vida. Será que Landon consegue tomar as decisões certas quando Taylor está em perigo?

◦ Setembro ◦

EASTON WALLACE é um advogado exemplar, o candidato perfeito a juiz. Nada o corrompe... a não ser a caótica e independente Selma. O reencontro de ambos é tão explosivo, que quase arruína a sua reputação. Ele sabe que Selma é uma bomba na sua vida e um risco para a sua carreira... Mas será capaz de resistir aos seus instintos?

**Qual destes homens
a conquistará?**

TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-668-519-5



9 789896 685195

Romance Erótico